


Introdução I: História Oral

Profa. Dra. Suzana L. S. Ribeiro

Prof. Danilo Eiji Lopes


Profa. Maria Aparecida Blaz Vasques Amorim

Apresentação utilizada durante o curso “HISTÓRIA ORAL DE VIDA IMIGRANTE – COMUNIDADE E IDENTIDADE”, realizado pelo Instituto da Cultura Árabe de 13 a 17 de julho de 2009.




A moderna História Oral nasceu na Universidade de Columbia, em Nova York, em 1947 a partir da organização sistemática e diferenciada de um arquivo, realizada por Allan Nevins, que oficializou o termo, que passou a ser indicativo de uma nova postura face as entrevistas. (MEIHY,J.1996, p.19)

Joutard afirma que ao longo do tempo, a História Oral foi usada por muitos pesquisadores para a elaboração de seus projetos, e que a partir dos anos 50 é que se retomou essa vivência, com intuito e criar instrumental para outros historiadores. (FERREIRA & AMADO. 1996, p.45)




No Brasil a História Oral foi introduzida na PUC/SP com um pequeno grupo orientado pelas professoras Yvone Dias Avelino e Luciara Aragão, porém só começou a ser divulgada, realmente, nos anos 1970, com a criação na Fundação Getúlio Vargas, de um programa de História Oral.

No entanto, foi só a partir dos anos 90 que ela passou a ter maior dimensão no país, com seminários, discussões entre historiadores brasileiros e estrangeiros e a criação da Associação Brasileira de História Oral, que congrega pesquisadores especializados nessa temática.




“Entre nós a História Oral tardou muito a se desenvolver em função de dois fatores primordiais: a falta de tradições institucionais não acadêmicas que se empenhassem em desenvolver projetos registradores das histórias locais, e a ausência de vínculos universitários como os localismos e a cultura popular. Além disso, os compromissos internos com cada disciplina universitária, como a sociologia e a antropologia, ficaram marcados muito fortemente, impossibilitando o diálogo entre os campos que tratavam de depoimentos, testemunhos e entrevistas”.

(MEIHY, 1996)




Como tudo que é novo, a História Oral despertou variadas concepções:

“Em nosso entender, a História Oral, como todas as metodologias, apenas estabelece e ordena procedimentos de trabalho – tais como diversos tipos de entrevistas e as implicações de cada um deles para a pesquisa, as várias possibilidades de transcrição de depoimentos, suas vantagens e desvantagens, as diferentes maneiras de o historiador relacionar-se com seus entrevistados e as influências disso sobre seu trabalho – funcionando como ponte entre teoria e prática.”
(FERREIRA & AMADO.2001, p.16)



Outros defendem que a História Oral seja uma técnica, geralmente são pessoas envolvidas na constituição e preservação de acervos orais. Estes pesquisadores utilizam as fontes orais de forma esporádica, como fontes de informação complementar, normalmente ligados à sociologia, o que teoricamente justificaria essa postura.

Para os integrantes do Necho a História Oral, mais do que entrevistas, é um processo de construção epistemológica.




A História Oral praticada pelo Necho/USP se assenta em pressupostos que identificam o processo histórico em sua dinâmica e desta maneira invertem o princípio operacional que, sempre, parte do presente/imediato para o passado/remoto. Esta subversão qualifica a experiência que por sua vez é captada por trabalhos com a memória e a identidade. Memória e identidade, pois, tornam-se os binômios essenciais para a definição do que o Necho-USP entende por História Oral

Assim, vale dizer que a História Oral é um conjunto de procedimentos que se iniciam com a elaboração de um projeto, desdobra-se em entrevistas e cuidados com o estabelecimento de textos/documentos que podem ser analisados, arquivados para uso público, mas que tenham um sentido social




GEPHOM (Grupo de Estudo em Teoria e Metodologia em História Oral - Unesp).

Linha de pesquisa que visa pensar as estratégias metodológicas e conceituais que orientam o trabalho com as fontes orais, tanto no que tange aos procedimentos de pesquisa, quanto às reflexões que fundamentam as diferentes linhas teóricas no campo da história oral. As preocupações são o estudo da História de bairros e imigração.




CPDOC-FGV - utiliza a denominação história oral e trabalha prioritariamente com os depoimentos orais como instrumentos para preencher as lacunas deixadas pelas fontes escritas. Essa abordagem tem-se voltado tanto para os estudos das elites políticas.

O estudo da administração pública, das diretorias de empresa e, especialmente, o acompanhamento, do processo de tomada de decisões em diferentes espaços e grupos são os temas dominantes.



NEHO- Uma segunda abordagem no campo da história oral é aquela que privilegia o estudo das representações e atribui um papel central às relações entre memória, identidade e história, buscando realizar uma discussão mais refinada dos usos políticos do passado.

Nessa vertente, a subjetividade da entrevista é vista como uma potencialidade para trabalhos de pesquisa, que privilegiam as narrativas e as experiências de pessoas comuns.



Programa de memória do *Centro de Documentação Musical da Universidade Federal de Pelotas (CDM-UFPEL)*, no qual se articulam a pesquisa em musicologia histórica, a gestão do acervo histórico do *Conservatório de Música de Pelotas (CM-UFPEL)* e o estudo de memória institucional. História Oral de vida de músicos.

Grupo de Estudos em História Oral da UNEMAT (Universidade Estadual do Mato Grosso)– Linha do Neho.

Grupo da Unicamp, da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), UNIR (Universidade Federal de Rondônia) entre outros.